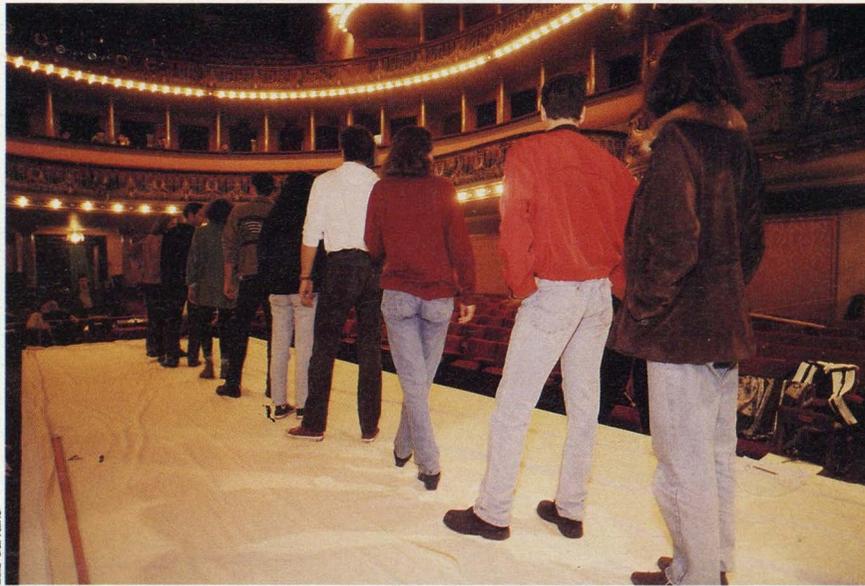


Moda

A Moda Lisboa volta ao Chiado. São 12 estilistas portugueses à procura de fama, glória e, acima de tudo, vendas. Na década de 70, Ana Salazar desbravou o deserto; na década de 80, foi o «boom» do estilismo. Os anos 90 separaram o trigo do joio. Acabaram-se as noitadas e a boémia: os nossos criadores de moda são activos e dinâmicos, levantam-se cedo e passam o dia a fazer contas à vida. Abbondanza e Matos Ribeiro conseguiram reunir todas as forças vivas da moda portuguesa e criar um acontecimento de alcance internacional. Da primeira vez, foi um sucesso. Agora repete-se e amplia-se: entra a Alta Costura pela mão de José Carlos, somam-se 20 manequins estrangeiras aos 35 nacionais, apura-se a qualidade do espectáculo



Pág. 6-R
Luiz Carvalhho

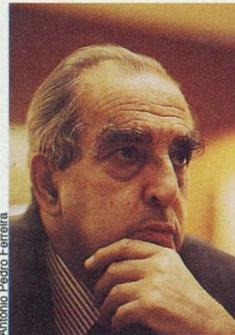
Crianças



Os recentes casos ocorridos na Guarda e no Porto não são excepções que confirmem qualquer regra. São apenas uma fresta no véu de silêncio que tem coberto uma realidade arrepiante: para pelo menos 30 mil crianças, este país de costumes alegadamente brandos é um verdadeiro jardim da tortura. E os pais são, na maioria dos casos, os agressores

Pág. 30-R

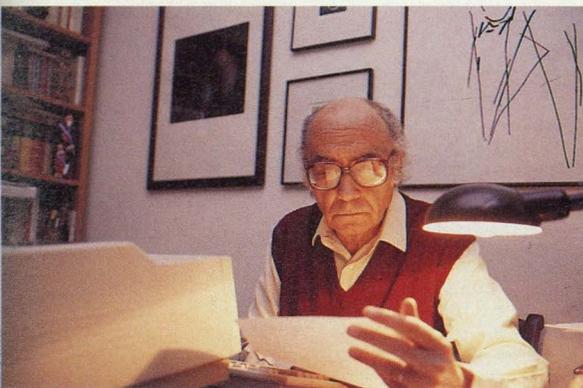
Morán



Memórias e perspectivas do primeiro ministro dos Negócios Estrangeiros de Felipe González. Uma entrevista em que Morán fala de um mundo dominado pela «grande aliança» EUA-URSS, que diz precisar de políticos que fujam ao óbvio e preencham o vazio deixado pela falência do neoliberalismo que dominou os anos 80

Pág. 39-R

Saramago



O romance sai esta semana e chama-se «O Evangelho Segundo Jesus Cristo». Dir-se-á: que título é este? Nos lugares onde se fazem e desfazem reputações — e que José Saramago não frequenta — vai haver rumores. E vai haver mais coisas. Polémica? Em entrevista, fala-se disso e de outras coisas mais, as do costume: o princípio e o fim do comunismo; a religião e a intolerância; a vida e a morte

Pág. 82-R

Perdição



O ano passado, Ricardo Pais foi o homem de todas as crises, desafiou tudo e todos, todos o desafiaram e acometeram. Agora, com o drama musical Amor de Perdição, a estrear na quarta-feira, no S. Carlos, está a contas com o mito. Dá música a Camilo ajudado por António Emiliano, António S. Ribeiro e o resto da equipa

Pág. 97-R

Sumário

- 4 — Ver
- 6 — Porte e postura
INÊS PEDROSA
- Excessos
«ma non troppo»
MARIA PAULA CALISTO
- 30 — Crianças:
jardim da tortura
FELICIA CABRITA
- 36 — Mississipi
NUNO BREDERODE SANTOS
- 39 — Fernando Morán:
o mundo segundo
a grande aliança
NICOLE GUARDIOLA
PILAR DEL RIO
- 51 — Portfolio
SEBASTIÃO SALGADO
- 78 — Qualidade Devida
LÚISA SCHMIDT
- 82 — Saramago:
«No meu caso,
o alvo é Deus»
CLARA FERREIRA ALVES
- 89 — Tabucchi:
«Tenho duas vidas»
FRANCISCO BELARD
- 93 — À espera
de um novo Méliès
JOÃO LOPES
- 95 — Os futuros filmes
com Humphrey Bogart
PAULO VARELA GOMES
- 97 — Da paixão como
uma das belas-arts
FÁTIMA MALDONADO
- 101 — Cartoon:
a feira das maldades
LUÍS COELHO
- 107 — Europália:
fragmentos modernos
JOSÉ LUÍS PORFÍRIO
- O difícil século XX
ALEXANDRE POMAR
- 112 — Percursos
FERNANDO ANTÓNIO ALMEIDA
- 116 — Ementa
JORGE PAIXÃO
- 118 — Afectos
JOÃO CARREIRA BOM
- Cartas Abertas
MARQUES DE CORREIA

SARAMAGO

«No meu caso, o alvo é Deus»

CIARA FERREIRA ALVES

Publicado esta semana, «O Evangelho Segundo Jesus Cristo» contém uma história que todos conhecemos. E contém cenas e afirmações que há alguns séculos atrás teriam lançado o autor na fogueira, sem direito a sepulcro. O escritor toma para si liberdades que são a substância da criação, e comporta-se, na invenção do seu mundo, como Deus. Este é o evangelho segundo Saramago...

COMECEMOS pelo que ficou dentro do gravador e fora da entrevista: a discussão da morte e da passagem dos anos como uma lenta acumulação de paz interior; a discussão da felicidade e da harmonia de todos os dias, cheios pelos vagares de uma escrita metódica, os jornais folheados, os livros lidos, a estima dos amigos e o amor; a sensação de que muitas coisas na vida lhe vieram tarde para às mãos, de que quando outros escritores estão feitos ele começou, aos 58 anos, a fazer-se; e a intimação à imortalidade que lhe veio no Natal de 1990, com o Evangelho a meio, quando uma retina se desprendeu, estava ele na cidade de Roma. A doença mostrou-lhe a vulnerabilidade, o medo da cegueira talvez lhe tenha mostrado o título de um livro anunciado, Ensaio sobre a Cegueira, «que decerto se transformará em romance».

Se tivesse de deixar de escrever, aceitava, encontrando em si «força suficiente para saber que há coisas que não se podem contrariar».

Recuperou e terminou O Evangelho Segundo Jesus Cristo em regime intensivo, escrevendo de manhã e de tarde, contrariando o hábito. Entretanto, o mundo tinha dado mais uma volta e o José Saramago militante comunista parecia mais importante do que o escritor. Houve requisito e acusações.

Aliás, a importância do escritor e da sua obra, ou o reconhecimento que além fronteiras dela fizeram, irrita os espíritos e estimula a segregação de venenos. O português odeia o êxito alheio, e aprecia as crucificações. Prefere o profeta pateta ou o poeta patético, ou, como uma vez exemplificou Natália Correia, «o poeta aos baldões». A pátria é pequena e a gente

acotovelava-se nos corredores que conduzem à posteridade, último juiz da vida e da morte do nome e da obra. Se não o atacam pela crença política, atacam-no pelos romances. Falámos também disso, fora da entrevista e do gravador. Ele sabe que irrita as pessoas, e do mesmo ofício. Mas nunca o ouvi, em anos de amizade (perdoe-se assim o tom coloquial da conversa...), dizer mal de outro escritor ou ser desleal. Chamam-lhe «vaidoso», escreva de «livros chatos».

«Talvez o problema deles seja não escreverem livros tão chatos como eu escrevo ou serem tão vaidosos como eu sou. É este como que lhes falta...».

Agora, dir-se-á: que título é este? O Evangelho Segundo Jesus Cristo? Que pretensão é esta? Nos lugares onde se fazem e desfazem reputações — e que ele não frequenta — vai haver matéria de rumores. E vai haver mais coisas. Polémica?

O romance, publicado esta semana, contém uma história que todos conhecemos. E contém cenas, afirmações, exclamações, pedaços de pensamento, que há alguns séculos atrás lançariam o autor na fogueira sem direito a sepulcro.

E contém ainda o melhor romance de José Saramago depois de O Memorial do Convento. Uma narração sem pausas retóricas, com convenções estilísticas que já lhe conhecemos mas que são espartilhadas pelas regras da tensão dramática. Um vocabulário rico, sem faustos, uma atmosfera que coloca o leitor nesses lugares da memória bíblica: a casa de Nazaré, a gruta de Belém, o Templo de Jerusalém, ou as agonias do Gólgota.

É um romance difícil, pautado por vírgulas que mal aguentam o «staccato» da frase; uma pontuação e uma engramagem verbal com monólogos e diálogos que exigem

EXPRESSO — Este romance estava anunciado há muito tempo. Quando é que ti veste a ideia de o escrever?

JOSÉ SARAMAGO — O romance nasceu de uma ilusão de óptica. Se eu tivesse uns olhos bons, o livro nunca teria existido. Em 87, estou eu em Sevilha, junto à Calle Sierpes, e ao olhar em frente, para um quiosque, vejo o título O Evangelho Segundo Jesus Cristo, em português, coisa completamente impossível. Parei e pensei: não posso ter visto o que vi; resolvi ir verificar. E, de facto, não estava lá nem Evangelho, nem Jesus Cristo... alguns dias depois já estava a pensar o que é que isto daria, e a arranjar algumas ideias para uma história sobre Jesus. Entretanto, tinha A História do Cerco de Lisboa para escrever. Em 89, quando fui a Bolonha com o Mário Soares, entrei na pinacoteca de Bolonha e, de repente, sem saber como, vieram-me à cabeça os três ou quatro pontos de apoio, sólidos, de que necessitava para começar o livro. Ainda hoje tenho aí essas notas... Aqui estão... Escrevi «Bolonha, 12 de Abril de 1989, de manhã, pinacoteca»; e depois escrevi «evidência súbita, iluminação, deslumbramento quase, a história encontrou os seus

pontos de apoio e ligação»; seguem as notas tomadas na ocasião: «Jesus nasce numa cova ou gruta e não num estábulo. Não há ali cova ou gruta mas um boi em que a mãe grávida se transportava... Isto não é importante... Isto já é... «Jesus tem um encontro com Jeová que lhe revelará o futuro, não apenas o seu próprio mas também o da religião que será fundada na morte necessária de um mártir. Jesus recusa esse papel e foge. A história a contar será então de uma longa mas não interminável fuga. Os milagres serão operados por Jeová à frente de Jesus para o forçar a aceitar a proposta».

EXP. — O que é que desencadeou esse processo mental, essa tal revelação?

J.S. — Não sei, e quando estas coisas vêm também não sei o que fazer delas. O Ano da Morte de Ricardo Reis veio-me de repente, em Berlim, no quarto do hotel, quando recostava a cabeça, como um sonho. O Evangelho Segundo Jesus Cristo não é um título que eu procurasse. Está tudo dentro

da minha maneira de compor, que é a de aceitar aquilo que vem. Este livro está cheio de coisas de que eu não previa necessitar. E houve outras coisas que me ajudaram muito, como a minha viagem a Israel.

EXP. — Já pensada por causa do livro? Há em certas passagens uma grande nitidez descritiva, quase gráfica.

«O cristianismo não valeu a pena; se não tivesse havido cristianismo, e se tivéssemos continuado com os velhos deuses, não seríamos muito diferentes do que somos. Se Jesus não é filho de Deus, a nossa civilização está assente sobre nada; esta foi a ideia que me guiou sempre, no livro»

J.S. — Não, calhou. **EXP.** — Terias ousado escrever o livro sem ir lá?

J.S. — Acho que sim. Israel apenas me deu uma atmosfera. Nada há que possa mover na reavistação dos lugares.

EXP. — Mas a reconstrução do Templo é precisa. Em que te baseaste?

J.S. — Organizei uma pe-

quena bibliografia, e para esse efeito foi-me muito útil Jerusalém no Tempo de Jesus, que não é um daqueles livros folclóricos, mas um trabalho sólido. Onde, aliás, fui encontrar a crucificação em que os supliciados tinham as pernas encolhidas, ao contrário das imagens a que estamos habituados.

EXP. — E na Bíblia?

J.S. — Bastante, no caso do Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos.

EXP. — O sonho de Herodes é inventado?

J.S. — Inventado. Não queria lá meter os reis magos, e a matança dos inocentes era fundamental para o livro, porque introduz em José e Jesus um sentimento de culpa. O sonho tem algum sentido por causa da profecia de Miqueias, que aparece num dos últimos livros do Velho Testamento.

EXP. — Achas que os teus leitores crentes podem perguntar: que direito tem um ateu confesso, um comunista, de vir reescrever a nossa religião?

J.S. — Eu não sei se era legítimo, agora que o fiz, fiz. O

que chega a parecer incrível é que, se nós imaginarmos que Jesus não é filho de Deus, a nossa civilização está assente sobre coisa nenhuma.

EXP. — Há uma tese escondida, no romance?

J.S. — A tese escondida é a de que eu digo, em primeiro lugar, que o cristianismo não valeu a pena; e em segundo, que se não tivesse havido cristianismo, se tivéssemos continuado com os velhos deuses, não seríamos muito diferentes daquilo que somos.

EXP. — O livro contém afirmações que poderão causar reacções...

J.S. — ... Nas consciências, nas consciências...

EXP. — ...A mais forte talvez seja a do final, em que inverte a frase de Jesus, que acaba por dizer: «Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez». Jesus rebelase contra um Deus ao qual os homens têm de perdoar. Aqui está a tese do livro.

J.S. — Pode ser que não esteja aí, mas é aí que tudo se fecha, que tudo vai ter. Trata-se da criação de uma nova religião, que nasce do tronco do judaísmo, e de uma decisão de Deus que não está satisfeito com o pequeno espaço e o pequeno povo que governa e que pretende alargar a sua...

EXP. — Base de apoio?

J.S. — Base de apoio. E necessita de um sacrifício e de um mártir. E como resulta do encontro de Deus com Jesus e com o Diabo, no Mar da Galileia — e no meio de um nevoeiro que dura 40 dias —, Jesus obriga Deus a revelar-lhe o futuro dessa religião que vai nascer. E esse futuro é uma carnagem, sangue que corre durante 20 séculos. De facto, como o Diabo diz em certa altura, é preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue. Deus (se existisse), sendo onipotente tudo teria de fazer para o bem dos homens nesta única vida que temos na terra. É condição necessária do homem sofrer e fazer sofrer para receber um prémio que não se sabe qual seja, ou se se sabe, consiste na contemplação eterna da face do Senhor, o que custa rios de sangue, renúncias à vida, clausura, sacrifício.

EXP. — Está aqui implícita uma crítica ao cristianismo e ao catolicismo. Mas não há nessas religiões nada de bom? E serão elas diferentes de outras religiões, monoteístas ou não, na sua obsessão pela culpa, o pecado e o sacrifício?

J.S. — Eu diria que a crítica não está implícita mas explícita. No meu Evangelho, Jesus é

atenção e concentração. Não é nenhum «thriller», quem quiser ler «thrillers» não pega em José Saramago. Conta, todavia, a história de um crime. Crime de quem contra quem? De Deus contra os Homens? Dos Homens contra Deus? Aqui, vemos já rastejarem na lama as vestes rasgadas com desespero pelos guardiões do templo. E como coube perguntar, em Os Versículos Satânicos, «pode um apóstata reescrever o Islão?», cabe perguntar «pode um ateu escrever um Evangelho?». A pergunta é intolerante.

Quem é o verdadeiro narrador deste Evangelho? O autor. E o autor refugiou-se em subterfúgios e em truques que só a ilusão romanesca concede: como o de servir-se de um Deus em que não acredita para tratar da inexistência de Deus. Ou servir-se do filho de Deus para demonstrar que ele pode não ser filho de Deus. E se ele não é filho de Deus...

O livro é como uma daquelas cidades antigas, cheias de labirintos e estátuas de mármore, que enervam os turistas à caça da foto. Os arabescos desta escrita traçam linhas onde se vêem os homens enlouquecidos pelo seu Deus, e Deus administrando a loucura dos homens que o inventaram. Os materiais com os quais se edificou o destino humano e se compôs a mágoa ou o triunfo da espécie, são frágeis, muito frágeis; e vem agora este homem, presumindo de singular, falar em nome da humanidade.

O escritor apenas fala em nome próprio. Não é um anjo rebelde. Um escritor toma para si liberdades que nos artistas são a substância da criação. Todo o artista tem, na invenção do seu mundo, o estatuto de Deus.

Este é o evangelho segundo Saramago...

o filho de Deus contrariado, ao contrário dos Evangelhos em que ele sabe e age como filho de Deus.

EXP. — Este Jesus é um homem como todos os outros; e este Deus, como é que é? É Deus uma criação dos homens, e como eles ávido de sangue, ou são os homens uma imagem de Deus? O Deus do livro é o Deus da convicção religiosa, enquanto o Deus pessoal não passa de uma invenção humana.

J.S. — Odo livro é um Deus derivado directamente de Jeová.

EXP. — Tu não acreditas na existência de Deus, portanto Deus não passa de uma criação humana. Mas este Deus não servia o artifício ficcional e tiveste de ir buscar o Deus dos crentes, condição «sine qua non» para a existência da história narrada. No fundo, uma refutação de Deus sem dele prescindir.

J.S. — Deus é uma criação humana e, como muitas outras criações humanas, a certa altura toma o freio nos dentes e passa a condicionar os seres que criaram essa ideia.

EXP. — Poderíamos dizer o mesmo de todas as revoluções.

J.S. — É inevitável, as religiões, como as revoluções, de-

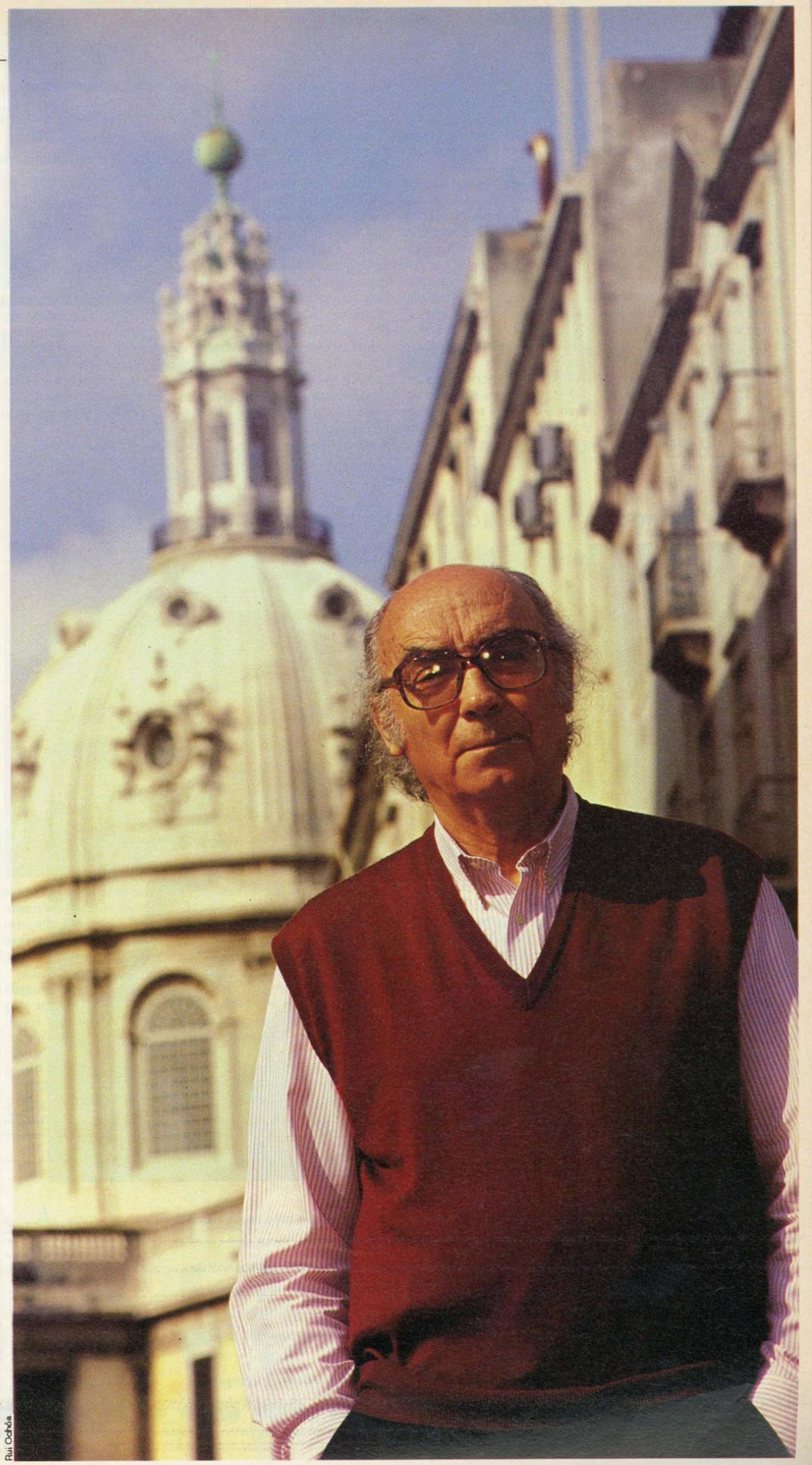
voram os seus filhos. Há nas religiões um contínuo processo de devoramento em que Deus é como um Moloch que necessitasse do sacrifício humano. Imaginando que Deus existe — e não lhe concedo o benefício da dúvida —, Deus não pode, por boa lógica, criar seres para os destruir. O cristianismo na sua derivantecatólica, que é a que conhecemos melhor, é uma história de sofrimentos contínuos.

EXP. — Insisto: nas religiões monoteístas, é uma prática comum.

J.S. — São todas, com excepção do confucionismo, que não é bem uma religião mas um sistema de valores, uma filosofia. O que não consigo perceber é a necessidade do sofrimento do corpo para salvar a alma. Abdicações, renúncias, cilícios, tristezas, amarguras, perseguições, vale de lágrimas. Veja-se a expressão, vale de lágrimas.

EXP. — Quando empregas a palavra alma, emprega-la no sentido da transcendência, da espiritualidade? Acreditas que existe essa transcendência?

J.S. — Não penso que exista, o que existem são comportamentos, e a alguns deles atribuímos um grau elevado daquilo a que chamamos



» espiritualidade. As palavras existem, herdámo-las, usamo-las.

EXP. — Se Deus é uma criação humana, o pecado não será a consequência da nossa necessidade de culpa?

J.S. — É uma das questões do livro. Onde vem esse sentimento de culpa? Fomos educados na ideia de um pecado original que manchou para todo o sempre a espécie humana, cristã ou não. E assim se introduz na mente das pessoas um código sobre o que se permite ou não. Assim se cria a administração das almas, os delitos e os castigos de Deus, o código penal das religiões. O sistema tem o seu equivalente na sociedade civil, na existência de códigos de comportamento. Não

se pode desejar a mulher do próximo — a formulação é machista, não diz que não se pode desejar o homem da próxima — como não se pode circular pela esquerda.

EXP. — O homem estaria melhor sem Deus, dizes. Recordo-me da frase da correspondência de Flaubert que levou Marguerite Yourcenar a escrever As Memórias de Adriano. «Os deuses não existindo mais, e Cristo não existindo ainda, houve, de Cícero a Marco Aurélio, um momento único onde o homem esteve só».

J.S. — O império não acreditava em deuses mas não sabíamos o que se passava dentro de cada pessoa. Não basta que se decreta que não se acre-

ditada em Deus. A raiz de todas estas coisas está na morte. Se o homem fosse imortal, não precisaria de Deus.

EXP. — A morte, para ti, é o fim, o nada, o pó dos ossos.

J.S. — É. Eu acho, como escrevo num dos capítulos do livro, que o Mau Ladrão que não se arrepende é preferível ao Bom Ladrão. Não acredito no arrependimento, acredito na responsabilidade.

EXP. — O Mau Ladrão é «um rectíssimo homem afinal, a quem sobrou consciência para não fingir acreditar, a cobertura de leis divinas e humanas,

«Para encontrar vítimas não é necessário ir ao marxismo-leninismo ou ao cristianismo. O meu racionalismo tem uma raiz voltairiana, e o meu cepticismo, também»

que um minuto de arrependimento basta para resgatar uma vida inteira de maldade ou uma simples hora de fraqueza». Tu acreditas que a história, tal qual a contada no Evangelho, se poderia ter passado assim?

J.S. — Diria que, depois de

ela estar escrita, é uma das hipóteses. Mas esta hipótese necessita da existência de Deus.

EXP. — Existência ficcional, existência como personagem? E necessita dos anjos e do Diabo. O narrador escreve que o Bem e o Mal não existem, um é apenas a ausência do outro, mas existem dentro daquela história.

J.S. — O Diabo é uma personagem mais constante. Eu tomo essas personagens dos dados da informação geral que todos nós temos. Deus tinha os seus anjos, um deles rebelou-se e é punido, Lúcifer. Parece que temos de partir do princípio de que se esse anjo não se tivesse rebelado não haveria Demónio e sem Demónio Deus também não existiria. Ou seria um Deus puro Bem, sem o Mal para combater. O Mal já existia antes da rebelião do anjo e esperava apenas que esta se desse? O Mal seria uma criação de Deus, existente nesse anjo desde sempre, antes do gesto, ou foi uma superveniência? Tudo isto daria que pensar.

EXP. — Tensas aplicar a lógica à religião e à fé? É ilógico.

J.S. — Eu podia ter escrito um livro como este, questionando todas estas coisas de um ponto de vista apenas lógico, elementar; talvez nem mereça o nome de lógica, mas de simples bom senso.

EXP. — Nada há de bonas religiões? Se descontarmos a arte sacra, uma óbvia vantagem estética, não terá havido casos em que as religiões permitiram a sobrevivência e a resistência de vítimas? Veja-se o judaísmo, que todos os judeus não hesitam em afirmar ter sido o cimento da sua identidade e existência como povo, e da resistência às perseguições e às tentativas de aniquilação.

J.S. — Mas, as religiões tanto servem para sobreviver às perseguições como para fazer perseguições, e os perseguidos vão por seu turno refugiar-se noutra religião que fará outros perseguidos. É um jogo entre poderes que se debatem em circunstâncias históricas diferentes. Veja-se as cruzadas, uma crença contra outra crença, uma guerra não entre um Deus e outro, Alá, mas entre dois livros, a Bíblia e o Corão. Do ponto de vista do meu bom senso é absurdo.

EXP. — Racionalismo «voltairiano» ou marxismo-leninismo? E aí apetece-me dizer que o comunismo teve a sua teologia e a sua fé, os seus dogmas. E teve e tem as suas vítimas e perseguições.

J.S. — Não creio que tivesse uma teologia, para encon-

trar vítimas não é necessário ao marxismo-leninismo ou ao cristianismo. Tens vítimas na exploração colonial, onde é indiferente se o explorado ou explorador é marxista-leninista ou católico. O meu racionalismo tem uma raiz «voltairiana». Esse cepticismo, essa ironia e essa espécie de compaixão pela loucura dos homens, vêm daí. Seria mais cómodo acreditar em Deus, mas escolhi o lugar da incomodidade. Tal como entre os crentes havia e há o «non possumus» também eu posso dizer que sou agnóstico, se ateu for uma palavra demasiado dura.

EXP. — Vou fazer de advogado do diabo: primeiro, protege-te com a forma do romance do facto de estares a tentar reescrever uma religião. Ser escritor dá-te uma cobertura que o ensaísta não teria. Segundo, o projecto é ambicioso e pretensioso. Terceiro, é uma operação de «marketing», depois de se saber o que aconteceu ao Salman Rushdie com Os Versículos Satânicos.

J.S. — Dizer que tentei encontrar uma protecção no facto de ter escrito um romance e não um ensaio ignora uma circunstância: não poderia, porque não saberia, escrever esse ensaio. Aqui trata-se apenas de alguém que tendo lido os Evangelhos encontrou neles outras leituras sustentadas por alguma lógica. Um teólogo não escreveria um romance e eu não escreveria senão um romance. E penso ter chegado a resultados do ponto de vista estilístico e, até, da própria capacidade de persuadir pela via do romance. Neste livro, não se trata de fazer puras afirmações provocadoras mas de criar uma situação humana concreta, aceitando as consequências do que vai acontecendo e assumindo todos os riscos, quer o narrador, quer o autor, quer as personagens. Quanto a ser pretensioso, é possível que sim, talvez haja quem diga que não cheguei onde queria, mas não é isso que eu creio, e fiz exactamente aquilo que queria.

EXP. — Qual era o teu motor? Sustentar uma tese, ou explorar as virtualidades dramáticas de uma história bíblica?

J.S. — O que me guiou sempre foi: se Jesus não é filho de Deus, toda a nossa civilização assenta sobre uma falsidade. Quanto à questão d'Os Versículos Satânicos, seria inevitável...

EXP. — Terias a coragem de escrever um livro destes dentro da religião islâmica?

J.S. — Talvez não tivesse essa coragem e sobretudo (peço desculpa por ter de chamar a atenção para este ponto) por causa de todas as diferenças —

Treinadas para produzir o máximo e no melhor tempo.



O Sistema SDH dos modelos EP 2121/2151



EP 2121



EP 2151

As novas copiadoras Minolta EP2121 e EP2151 foram treinadas para proporcionar um novo ritmo à sua empresa. Com o sistema SDH — que permite copiar até 50 originais sem redução de velocidade — fica muito mais fácil bater o recorde da produtividade: cópias rápidas, perfeitamente nítidas e no menor espaço de tempo. Com qualquer um destes modelos da inteligência Minolta, a sua empresa vai estar sempre à frente, ganhando tempo com eficiência e total objectividade.

Fax, Copiadoras e Impressoras Laser. Minolta. A simplicidade da Inteligência.



Minolta Portugal, Av. do Brasil, 33-A Tel.: 7930046

erto todas elas favoráveis a
man Rushdie — entre o li-
dele e o meu, há uma es-
tal que é bom que fique
desde já: no livro de
shdie, o alvo é Maomé. No
caso, o alvo é Deus. É tão
ardo, para mim, pensar que
ndo se muda de religião se
para trás um deus e um
abo e uns infernos e uns pa-
sos e se adquire em estado
vo outro Deus, outros de-
mjos e outros paraísos. E ca-
vez que o poder de Deus se
stringe ou amplia, o poder do
rônio restringe-se ou am-
y-se sem que ele tenha de fa-
nada. É tão absurdo! Quan-
uma religião desaparece —
tem desaparecido muitas —
desaparecerem as entidades
representavam nessa religião
o Bem e o Mal, desapare-
em também o bem e o mal ca-
derizados por essa religião?
EXP. — O Bem e o Mal,
como disseste, «fazer bem
homens». O que é que isto
nifica? O comunismo não
era uma doutrina do bem
ontra o mal do capitalismo,
ão queria promover o bem
entre os homens?

J.S. — O marxismo não
reio que se tenha apresentado
nca como o Bem. Essas ca-
gorias não são úteis quando
estamos em questões como o
marxismo, ou a revolução
francesa. Eu lembrava-te A
stória do Cerco de Lisboa,
nde a certa altura se apresenta
palavra não para negar qual-
quer coisa que estava antes. Os
strumentos para uma trans-
ormação, como é o caso do
marxismo, representam um
nho, o não é o que põe em
causa, rejeita, questiona. O
que tem acontecido sempre é
que esses não acabam por
converter-se em sins e acabam
por converter-se em sins no
sentido cada vez menos posi-
vo que a palavra sim pode
assumir numa certa fase. A
Revolução de Outubro foi o
nho ao czarismo, ao poder
absoluto. Houve o momento
da esperança, e depois este não
transformou-se em sim, o sim
que leva à burocracia, ao auto-
ritarismo, a tudo de que deu

abundantes provas a abortada
tentativa de estabelecer o so-
cialismo na União Soviética.
O não inicial, mesmo que já
contivesse os germes do que
aconteceu depois, ficou num
sim, ao qual foi preciso outra
vez dizer não.

EXP. — Uma dialéctica.
Houve um momento de pureza
na revolução russa?

J.S. — Claro, também hou-
ve um momento de pureza na
nova revolução do 25 de
Abril.

EXP. — A pureza não te
horroriza?

J.S. — Tu é que lhe chama-
ste pureza. Eu diria que há
momentos em que a esperança
ocupa o espaço todo.

EXP. — Na União Soviética,
quem é responsável pela
perversão da ideia? Os ho-
mens, que nunca sabem servir
as ideias? Ou aqueles
homens em particular, que se
enganaram todos e enganaram
muita gente?

J.S. — Eu sou tão pessimista
que acho que a humanidade
não tem remédio. Vamos de
desastre em desastre e não
aprendemos com os erros.
Para solucionar alguns dos
grandes problemas da humani-
dade, os meios existem e con-
tudo não são utilizados.

EXP. — Que meios? Uma
outra utopia? Uma doutrina?
Uma ideia, ainda e outra
vez? Não é altura de sermos
práticos e concretos? O colapso
do comunismo afectou a tua
crença no comunismo?

J.S. — Não afectou, serei
dos poucos. Dantes, os comu-
nistas eram milhões e milhões
e milhões e de repente parece
que são algumas centenas de
milhares. Podes dizer que se
trata, afinal de contas — eu que
estou aqui a fazer a crítica das
crenças —, de qualquer coisa
em que persisto em acreditar.
Acredito na possibilidade de o
homem ser feliz, de viver em
harmonia.

EXP. — No comunismo,
tal como nas grandes reli-
giões, há uma espera, um
tempo que não é bom e que se
sacrifica ao futuro, que bom
será. Uma espera do paraíso,



seja ele depois da morte ou os
amanhãs que cantam. Há
sempre uma vida depois da
morte. No comunismo há
ainda uma redenção...

J.S. — Bom, eu não lhe
chamaria exactamente redenção,
mas aceito. Eu chamar-
lhe-ia humanismo radical,
permitindo a harmonia nas re-
lações entre os homens, na sua
infinita diversidade.

EXP. — Não será chegado
o momento de os homens
deixarem de se preocupar

com os grandes sistemas, a
marcha da história e os mo-
vimentos de massas, e come-
çarem a procurar resolver os
problemas existentes? Não
será a altura de o homem,
neste fim de século, olhar
mais para dentro de si e
menos para os grandes co-
lectivos? Ou será a nossa era,
já, a era do egoísmo desen-
freado que esse auto-exame
autoriza ou possibilita? A
metafísica acabou, só resta o
«body-building»?

J.S. — Se o homem olhar
para dentro de si mesmo, o que
é que encontra? O que lá foi
posto, pela cultura, pela tradi-
ção, pela ideologia, pela edu-
cação. O homem não pode
fazer barreira total no interior
de si mesmo para ver o que lá
encontra. Ele é feito portado o
que é exterior a ele. Somos um
produto dos outros, e da rela-
ção com os outros. Tanto mais
que o nosso mundo é cada vez
mais interdependente. Tomo
um desvio, mas foste tu que

mo proporcionaste: cada vez
mais, os nossos políticos di-
zem que assistimos a uma re-
dução da intervenção do Esta-
do e a uma ampliação da socie-
dade civil. A meu ver, é falso,
porque ao mesmo tempo que
estamos a dizê-lo têm-se vindo
a consolidar, na Europa, pode-
res supranacionais que negam o
que estávamos a dizer. No
caso da Europa, é a CEE. A
intervenção do estado deslo-
cou-se para um poder suprana-
cional.

EXP. — Tu crês que esse
poder supranacional interfere
na vida dos cidadãos do
mesmo modo que interferia
um Estado dirigista?

J.S. — Interfere e interfere
a toda a hora, em tudo. Por uma
directiva comunitária passas a
fazer coisas que nunca fizeste
antes.

EXP. — E se as pessoas
viverem melhor com isso e à
custa disso? E se as pessoas
quiserem esse poder supra-
nacional a regular as suas
vidas e a dar-lhes mais quali-
dade de vida, melhor am-
biente, melhores escolas,
melhores salários, melhores
transportes, melhores cui-
dados médicos, melhores
condições de vida? Depois de
48 anos de fascismo e estu-
peidez, quem é que quer ficar
orgulhosamente só?

J.S. — É o mesmo que dizer
que a alternativa a esse poder
supranacional só poderia ser
mais 48 anos de miséria e igno-
rância.

EXP. — Não tens mais
vantagens em ser um escri-
tor europeu do que portu-
guês? Os teus livros não che-
gam a mais pessoas? A tua
língua e a tua cultura não
circulam mais e melhor? Ou
um escritor não é nem euro-
peu nem português? Ou a
questão é completamente
idiota?

J.S. — Rejeito radicalmen-
te a ideia de que sou um escri-
tor europeu. Sou um escritor
português e a nada mais aspiro.
Ser ou não ser conhecido, ser
ou não ser «best-seller», ser ou
não ser traduzido em 26 líng-
uas ou 260 não tira nem ➤

Coleccionar soldadinhos. A conquista de mais um prazer singular.



» acrescenta nada a esse facto.

EXP. — Não preferes ser traduzido em 260 línguas do que em 26? Não preferes vender mais exemplares do teu romance? Se produzisses vinho não seria a mesma coisa? Não preferias ter mercados mais alargados para o teu vinho, em vez de ficares restrito a uma produção contingente e para consumo interno? Não é o que quer toda a gente, expandir-se?

J.S. — Como toda a gente, em vez de ter quatro assoalhadas preferia ter doze, enfim, são desejos legítimos de melhoria de condições de vida.

EXP. — Querias mesmo doze assoalhadas? Uma mansão?

J.S. — Doze não! Mais duas ou três, para não estarmos tão apertados. Mas nada disto me transforma em escritor europeu.

EXP. — Tal como Portugal não se transforma na Europa. Não achas que em Portugal, nos últimos anos, se vive muito melhor? Não notas?

J.S. — Eu não sei. Não sou economista.

EXP. — Não é preciso. Não vives melhor?

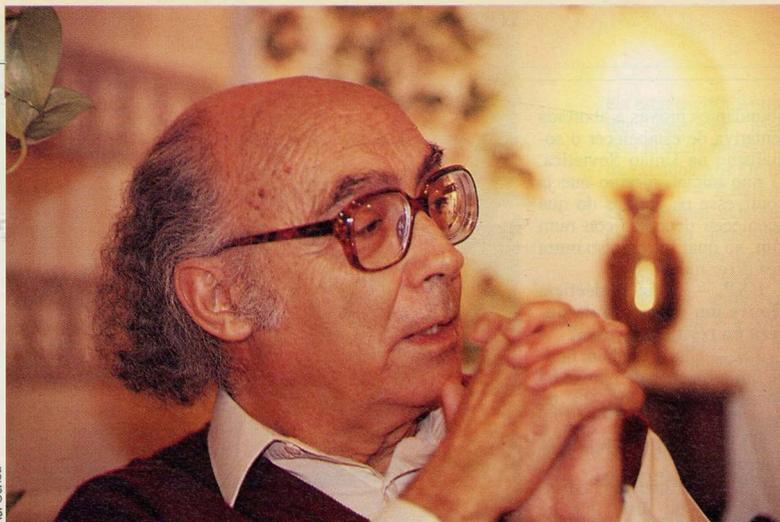
Não notas uma diferença?

J.S. — Sim, mas daí não se retiram juízos definitivos.

EXP. — E sentes que pelo facto de viveres melhor tiveste de sacrificar qualquer coisa a esse poder supranacional, sentes que perdeste alguma coisa que a CEE nos tirou?

J.S. — Pessoalmente, não tive de sacrificar nada, e se fores perguntar por aí, as pessoas dirão que não sacrificaram nada. O que se sacrificou, mas parece que isso não tem uma importância por aí além, é essa coisa um pouco vaga a que chamávamos soberania nacional, que no nosso caso nunca foi grande coisa. Basta ver a situação de dependência em que vivemos sempre em relação à Grã-Bretanha e outras que tais. O que quero dizer em relação à melhoria das condições de vida nos últimos anos é que beneficiámos de injeções de dinheiro, de subsídios, que deram uma sacudida e permitiram esse desenvolvimento ou essa aparência de desenvolvimento. Não somos um país subsidiado, e teremos também nós de cumprir as nossas obrigações perante a comunidade.

EXP. — O tempo das vacas gordas vai acabar?



Rui Osório

J.S. — Não sou eu quem o diz, é o Governo.

EXP. — Teriam os comunistas administrado melhor o país? Veja-se o triste exemplo do Leste, um desastre ecológico, um desastre económico, repressão ou supressão das liberdades e garantias. Como se pode defender isto? Ou os soviéticos não eram «bons» comunistas, ou não eram sequer comunistas, e por isso é que falharam? Ainda não percebi se os comunistas portugueses, depois de passarem anos a apoiar o comunismo e a «nomenklatura» soviéticos,

descobriram, de repente, que os soviéticos eram maus comunistas e aí está a razão do falhanço. Ou se se redescobriram, no caso dos dissidentes, como não comunistas e com raiva aos comunistas. São exercícios e subtilezas que me ultrapassam. E os que ainda são comunistas dizem que o comunismo é bom e os homens é que são maus? É o mesmo que dizer que Deus é bom e os homens é que são maus.

J.S. — Não entro nesse debate de serem comunistas ou não comunistas, chego à conclusão de que não eram, mas,

«a posteriori», é sempre fácil fazerem-se essas verificações. O que vou dizer soa a atitude idealista, ou significa pôr o carro à frente dos bois: não se faz socialismo sem uma mentalidade socialista. E não se faz socialismo na mentira, na falta de respeito, em situações em que a liberdade ou a falta dela é condicionada por nomenclaturas ou privilégios de uma classe que controla...

EXP. — Mas já sabias, antes da «perestroika», que assim era, já tinhas consciência disso.

J.S. — Claríssima.
EXP. — Mas sendo mem-

bro do Partido Comunista português, fiel seguidor da ortodoxia soviética, é estranho. O PC tinha consciência da perversão mas nunca veio a público denunciá-la? Ou eras o único?

J.S. — Voltamos à velhíssima questão das relações de um militante de um partido com esse mesmo partido.

EXP. — Eras e és muito mais do que um militante, és um intelectual respeitado, perto da figura do dr. Álvaro Cunhal...

J.S. — Perto mas não mais perto do que muitas outras. O que não tira nem acrescenta o grande respeito que tenho por ele.

EXP. — Sem querer entrar pelo foro íntimo, não terá havido um momento em que tu e o dr. Cunhal olharam um para o outro e concluíram que a «nomenklatura» que o partido apoiava era uma enorme perversão da ideia comunista?

J.S. — Eu não sei se ele chegou a alguma conclusão, e nunca olhámos um para o outro numa situação em que devêssemos discutir isso. Para mim, isso é claro desde há anos. E, de facto, a União Soviética não é nem nunca foi, para mim, uma referência poli-

ISTO NÃO É

ISTO É

Conta Contigo

DOS 14 AOS 25 ANOS

PARA O QUE DER E VIER

Isto é uma boa notícia. A **CONTA CONTIGO** do **BNU** dá-te crédito para te ajudar nas despesas escolares, construção ou reparação de imóveis, aquisição de electrodomésticos, mobiliário, etc., e despesas de saúde.

tica ou ideológica. Não é nada que eu já não tenha dito, e embora estas coisas não provem muito, a verdade é que depois do 25 de Abril não corri lá, e antes disso nunca tinha saído de Portugal. A única viagem que fiz à União Soviética foi há três anos, em plena «perestroika». E quando há bocado de falei da mentira não foi por acaso, mas porque tinha em mente um caso concreto. Durante a guerra de 39-45, quando foi descoberto o massacre de Katyn, dos oficiais polacos, a informação que todos tínhamos é que tinham sido assassinados pelos nazis. Recentemente, a União Soviética veio reconhecer que tinha assassinado essa gente. Não posso aceitar que me mintam desta maneira, mesmo em nome das sujidades e sujeições da política. Mas aqui é mais grave, trata-se de um país que era uma referência ideológica, o «farol do futuro».

EXP. — O massacre de Katyn é uma gota de água nos massacres instituídos pela União Soviética. E o «gulag»? E a Hungria? E a Checoslováquia?

J.S. — Claro está. Mas a gota de água continuava no segredo e só recentemente foi revelada. E há a Hungria, a

Checoslováquia, o «gulag» e tudo isso. E há coisas mais recentes e imperdoáveis, que é o facto de a União Soviética, por necessidades internas e pelo descalabro em que o país se viu, ter abandonado países e movimentos que cresceram e se desenvolveram à sombra do apoio e auxílio da URSS. Caso de Angola, Moçambique e Cuba, entre outros. Deixou cair povos em cujas consciências pôs esperanças e algumas realizações.

EXP. — Se a União Soviética não tem dinheiro para se sustentar a si mesma, como há-de sustentar os seus satélites?

J.S. — É verdade, mas há maneiras.

EXP. — Essas dúvidas que te assaltaram nunca te levaram, como levaram outros intelectuais, a sair de um PC que era um fiel amigo da União Soviética? Não te sentiste mal dentro do partido?

J.S. — Se alguma vez me tivesse sentido mal, tinha saído, e se um dia me sentir mal, saio. As minhas discordâncias, que são sérias, e nalguns casos sobre pontos essenciais, não foram suficientes para abandonar o partido. Creio que por causa da força da minha própria convicção, e sem esforço.

É o único partido onde a minha convicção está à vontade e tem suficiente resposta.

EXP. — Não estás como o homem que não ousa prescindir da ideia de Deus, ou de uma religião, porque tudo seria mais difícil? Não terás medo de ficar órfão?

J.S. — Não, a minha convicção é compensada por um ceticismo sólido.

EXP. — Dir-se-ia que nunca se pode levar a lucidez às últimas consequências ou o mundo tornar-se-ia um lugar insuportável?

J.S. — Admitamos que essa minha lucidez me levava a retirar-me do partido, de certa maneira eu não tinha resolvido nada. Perguntas-me o que resolvo dentro dele e digo-te. Chego a uma relação em que, apesar das discordâncias, existe bastante harmonia entre o que penso e o que o partido, como projecto de sociedade, contém. Não tenho medo de perder a bengala, a referência, a missa laica, mas considero que o partido tem sido um agente de intervenção na vida do nosso país antes e depois de 25 de Abril, e pode ser um

«A União Soviética nunca foi, para mim, uma referência ideológica. E não se faz o socialismo com a mentira, com a liberdade condicionada por uma 'nomenklatura' ou privilégios de uma classe»

instrumento de transformação da sociedade portuguesa. Mas estou consciente das limitações do partido, sem falar das minhas, e das limitações que o actual estado de coisas europeu e mundial põe, a prazo, de repetir ou renovar uma tentativa que, eventualmente, poderia vir a falhar de novo. O que não posso aceitar, e isso é visceral, é que o capitalismo seja a solução dos problemas do homem. Criará grupos, estratos, camadas prósperas, e criará desfavorecidos, misérias, carências, porque vive à custa dessas misérias e carências.

EXP. — Onde estavas no momento do golpe de Moscovo e que sentiste? Há quem diga que ficaste muito silencioso.

J.S. — Pensei o que continuo a pensar. Eu estava longe,

a 40 km de Lisboa, a terminar este livro, e tinha uma entrevista apazada com a revista «Ler». As declarações que fiz nessa entrevista e que saíram só agora, em Outubro, correspondem ao que pensava e penso hoje. A seguir, estive num curso de Verão na universidade hispano-americana de Santa Maria de La Rábida, onde fui «apanhado» pelos jornalistas espanhóis que me perguntaram sobre isso mesmo. As declarações estão nesses jornais e são também muito claras: condenação do golpe, desacordo total em relação à posição que o partido tomou. O que não me achei foi tão importante que viesse a Lisboa fazer declarações à Imprensa, à Rádio e à Televisão.

EXP. — Sendo um escritor que faz incursões no tempo, e no passado, que consciência tens do tempo, do teu tempo histórico? Não falas da passagem do tempo.

J.S. — Sim, eu sei. Não tenho uma ideia nada científica ao dizer isto, como não a tive nas coisas que disse antes. Muitas vezes são intuições, outras são convicções, suposi-

ções... Agrada-me pensar que o tempo não é essa diacronia, essa sucessão de momentos, agrada-me pensar no tempo como uma espécie de imensa tela onde se projectam e se fixam os acontecimentos. É como se eu visse os acontecimentos projectados numa superfície única, onde tudo estivesse ao lado de tudo, onde tinha a batalha de Maratona ou a chegada do homem à Lua, ou a Clara Ferreira Alves e a Lucrecia Borgia (risos).

EXP. — Obrigada. O teu livro começa com uma descrição de uma gravura de Dürer da crucificação onde está contida essa ideia de que tudo está ao lado de tudo. É como se essa gravura ilustrasse a tua noção de tempo. Estás contente com o livro que escreveste, ou estás mais contente do que com outros livros?

J.S. — Estou tão contente como o mais contente que existe e com certeza mais contente do que algumas vezes estive. Dir-te-ia mesmo que este livro me dá um contentamento maior do que qualquer dos outros. A aposta era mais alta e tenho a impressão de não a ter perdido. Não direi que a ganhei, mas acho que não a perdi. ■

UM ANÚNCIO

ISTO É

Conta Contigo

DOS 14 AOS 25 ANOS

PARA O QUE DER E VIER

formação profissional, aquisição de equipamento informático, início da actividade profissional, despesas de Se tens entre 14 e 25 anos, conta com o **BNU** e **CONTA CONTIGO** para o que der e vier.

Informa-te aos balcões do **BNU**.

BNU Banco Nacional Ultramarino

Pessoas experientes para Pessoas exigentes